

# Tungstênio,

das rochas para as lâmpadas

Um elemento químico vindo da natureza, bom condutor de eletricidade e resistente ao calor. Esse é o Tungstênio, um metal que pode ser encontrado no Rio Grande do Norte e é bastante utilizado pelas indústrias do petróleo, de armamento e espaciais. Felipe Viana, Dayvid Carlos, Gisely Santos e Mariana Guimarães, acadêmicos do segundo período de Administração, fizeram um estudo sobre a importância que esse elemento tem para a economia do Estado sob a orientação dos professores Aluísio Alberto e Luiz Augusto.

O tungstênio é encontrado em mais de vinte minerais. No Rio Grande do Norte, é extraído da chelita nos municípios de Jardim de Piranhas, Currais Novos, Bodó, Acari e Lajes. De acordo com Gisely Santos, o RN despontou como um dos maiores exploradores do mundo nos anos 40. A extração do produto era voltada à indústria bélica, e os Estados Unidos eram o principal comprador durante a Segunda Guerra Mundial.

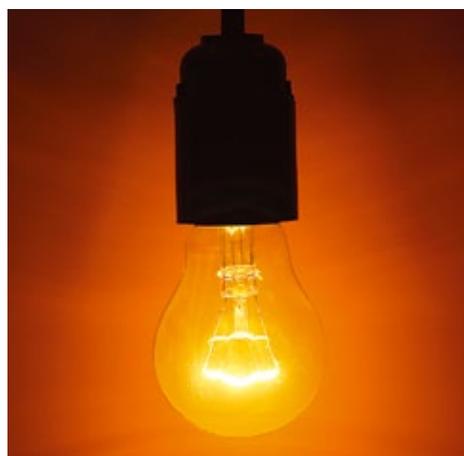
Anos se passaram e o mercado foi engolido pela China, maior exportadora do produto e detentora de 75% do tungstênio de todo o mundo. O quase monopólio do país oriental foi responsável pela quebra da maioria das mineradoras do Rio Grande do Norte. Somente nos anos 2000, o Estado voltou a produzir e explorar em grande escala. "A China foi responsável pelo fechamento de várias minas em todo o mundo. Em 2000, quando a China precisou voltar o comércio para o próprio país, o mercado daqui voltou a ter investimento", explica Mariana Guimarães.

A nova movimentação do mercado foi responsável pelo aumento de produção e empregabilidade. De acordo com a pesquisa do grupo, são extraídas 10 toneladas de tungstênio por dia e o mercado empregatício está aquecido. A cada contrato assinado para trabalhar nas minas do Estado, dez empregos informais são gerados.

Segundo o estudo dos alunos de administração, foi constatado que existe a necessidade de pessoal para gerir as empresas da região que trabalham na extração do tungstênio. Há planos de se implantar um instituto tecnológico na cidade de Caicó, que serviria como uma opção de formação de profissionais qualificados para trabalhar nessa área. ■



Grupo pesquisou sobre o tungstênio, um dos principais materiais que compõem as lâmpadas amarelas.



## QUEM NÃO SE COMUNICA...

A comunicação pode ser um fator de desenvolvimento empresarial a partir da relação com os públicos interno e externo. Sabendo disso, um grupo de quatro alunos do curso de Administração resolveu aprofundar essa percepção e realizou pesquisas em empresas locais entre colaboradores e empresários para saber sobre a objetividade das informações veiculadas pelas empresas.

Orientados pelos professores Flávio Emílio Monteiro e Karina de Oliveira Costa Bezerra, os estudantes Sandro de Souza Grilo, Luzamara Karla Barbosa D'Ávila, Ivan Alex Amorim Brandão e Arivaldo Silva Rocchigiani Neto aplicaram questionários em organizações de diversos segmentos, entre eles telecomunicações/internet, imobiliário, distribuidoras de alimentos, terceirização de cartões de passagens e telefonia-operadoras. Os resultados foram apresentados no Conic, com o trabalho intitulado 'O Poder da Comunicação nas Organizações'

Além das pesquisas teóricas, as de campo foram realizadas em empresas de pequeno e grande porte. Os dados foram coletados por meio de questionário estruturado com perguntas fechadas. A ideia foi investigar e avaliar o fenômeno contemporâneo da Comunicação Empresarial em um contexto real.



O grupo foi formado por Sandro Grilo, Luzamara D'Ávila, Ivan Brandão e Arivaldo Rocchigiani.

"A comunicação informal é capaz de distorcer os fatos e criar um ambiente desfavorável, chegando a atingir diretamente os clientes com informações desencontradas", justifica o grupo. De acordo com os acadêmicos, a comunicação empresarial deve ser fundamentalmente estratégica para uma corporação. E precisa ser estruturada sob uma nova perspectiva para que contemple as teorias de gestão e funcione como instrumento de interação empresarial. ■

## GALERIA DO CONGRESSO

